

Culturas negadas e o cotidiano escolar:

Um estudo psicossocial com explicadoras quilombolas de uma comunidade às margens da Baía de Guanabara – RJ

Raquel Ribeiro Costa da Cunha Ferreira- UERJ
Arthur Vianna Ferreira - UERJ
Lucas Salgueiro Lopes - UERJ

RESUMO

O presente artigo faz parte de uma dissertação de mestrado na UERJ, São Gonçalo-RJ, e tem por objetivo abordar o exercício da docência pelas explicadoras, profissionais da educação não-formal que atuam em ambientes não-escolares, junto a uma comunidade quilombola localizada na Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa se fundamenta teórico-metodologicamente na Pedagogia Social e na Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, que nos possibilitará compreender a relação da escola com o trabalho das explicadoras, que exercem uma das muitas possibilidades de educação, vinculado aos laços sociais. Apresentaremos os dados obtidos por meio da entrevista semiestruturada, que foram analisados por meio da análise retórico-filosófica do discurso. Nos interessa trazer para o campo acadêmico debates sobre as práticas socio-pedagógicas realizadas neste quilombo, destacando a importância social do papel desempenhado pelas explicadoras na comunidade quilombola em que atuam ao longo do espaço-tempo.

Palavras-chave: Pedagogia Social, Representações sociais, Quilombo.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de um dos instrumentos utilizados no mestrado em Educação na UERJ, São Gonçalo-RJ. A pesquisa foi realizada no Quilombo do Feital, no município de Magé-RJ, e apresentou como objetivo compreender as representações sociais sobre escola elaboradas por explicadoras que atuam nesta comunidade quilombola. O quilombo na qual participo como pesquisadora é composto, aproximadamente, por 40 famílias de pescadores e de catadores de caranguejos que, em sua maioria, não foram alfabetizados. Desta forma, auxiliar as crianças nas tarefas escolares torna-se um desafio assumido pelas explicadoras quilombolas.

A Pedagogia Social nos auxiliará a compreender estes espaços de ação educativa, agindo na conexão entre “[...] os processos de aprendizagem e a dimensão sociopedagógica” (Caliman, 2010, p. 341). A Teoria das Representações Sociais (TRS) nos possibilitará compreender as

crenças, nas informações e nos conhecimentos, considerando a relação de interdependência de aspectos individuais e sociais do grupo estudado na pesquisa (Moscovici, 2012). Como instrumento de coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada. Os dados obtidos na presente pesquisa foram analisados por meio da análise retórico-filosófica do discurso. Este trabalho apresenta como problema as seguintes questões: Quais são as possíveis representações sociais sobre escola partilhadas por explicadoras atuantes no quilombo, no município de Magé -RJ? Estas representações sociais refletem em suas práticas pedagógicas?

As explicadoras do quilombo evidenciaram a distância e a inadequação à realidade das crianças quilombolas em relação à escola, justificando, assim, a sua atuação. Relataram que as crianças quilombolas apresentam alguma dificuldade de aprendizagem. De acordo com as explicadoras, a escola age como agente socializador, apesar de muitas vezes ignorar a cultura local. Para elas, o trabalho da explicadora está em “traduzir” a linguagem da escola para as crianças da comunidade, mas não é só isso. Por meio do exercício da docência e das rodas de conversas, elas perpetuam a cultura local, as histórias, os valores e os costumes ancestrais.

METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, é preciso flexibilidade, criatividade e engajamento do pesquisador. A abordagem societal desenvolvida por Doise, no campo da TRS, adotada nesta pesquisa, busca posicionamentos por parte dos sujeitos (Sá, 1998). Um dos instrumentos utilizados para pesquisa foi a entrevista semiestruturada e adotamos a análise retórico-filosófica do discurso para a análise dos dados. Ao conduzir esta técnica para o campo das representações sociais, Mazzotti (2008) destaca que, na ancoragem, o estranho se refere ao que é denominado de *tema* e o conhecido corresponde ao que se denomina de *foro* da comparação, na qual são retirados significados para se compreender o novo. Na comparação, são extraídas metáforas ou metonímias que transferem predicados ao sujeito ou objeto. Desse modo, no presente trabalho, seguindo os ensinamentos de Mazzotti (2008) e de Ferreira (2012), na tentativa de encontrar os núcleos figurativos das representações sociais sobre escola, presentes nos discursos das explicadoras, destacamos, em todo material coletado, metáforas, metonímias e outras figuras de sentido que foram aproximadas em relação ao significado discursivo das falas dos participantes, resultando em foros temáticos com os quais foi possível apreender os valores, as crenças, as atitudes e as posições do grupo ao qual pertencem.

A Pedagogia Social (PS) e a Teoria das Representações Sociais (TRS) possuem matrizes epistemológicas distintas: enquanto a Pedagogia Social ocupa o campo das Ciências da Educação (Caliman, 2011) e nasce como reflexão da Filosofia da Educação, a TRS se origina do campo da Psicologia Social (Moscovici, 2012). Ambas possuem um caráter crítico, dinâmico e transformador.

Estes dois campos do saber se propõem a estudar e a compreender os indivíduos que vivem em sociedade, com características próprias, identificados socialmente e que compartilham ideias, valores, atitudes e crenças em comum. Ambas possuem temas transversais em comum, tais como, a questão da afetividade e da alteridade, elementos basilares da pedagogia da hospitalidade, de Baptista (2005), utilizada nesta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ponderamos que a pesquisa ilumina parte do fenômeno estudado. Há de se considerar as múltiplas dimensões e contextos com as quais o mesmo dialoga. Ainda assim, temos por meta contribuir, apresentando parte dos resultados encontrados. Após a leitura meticulosa de todo o material coletado, foram selecionadas todas as figuras de sentido relacionadas ao objeto desta pesquisa, a escola. Em seguida, as figuras de sentido foram agrupadas em 4 foros temáticos, nomeados como: foro 1 – “Pra gente é um trauma”, a escola que gera frustração, a escola assume um caráter reprodutor de discriminação e preconceito; foro 2 – “É assim e assado”, a escola relacionada à limitação, por meio do atendimento padronizado, que deixa de considerar a especificidade da comunidade quilombola, associando a escola ao aspecto conteudista, com métodos ultrapassados que não podem ser mudados; foro 3 – “A escola é um porto seguro”, a escola associada ao acolhimento e boas experiências relacionadas à afetividade e socialização; foro 4 - “Dificuldade pra gente ter acesso”, a escola representada como distante fisicamente e culturalmente em relação ao cotidiano do quilombo.

Ao analisar a frequência em que estes discursos foram sendo repetidos e discutidos pelas educadoras, foi possível indicar o núcleo figurativo das representações, qual seja, o deslocamento do sentido de escola no que tange ao seu papel formativo, disciplinar e curricular. A figura 1 apresenta a formação do núcleo figurativo. No centro da esfera, em amarelo, está representada a imagem mais significativa relacionada à escola, compartilhada pelas explicadoras do quilombo: a afetividade. Sendo assim, a escola se configura como um lugar de afeto, um porto seguro, onde o estudante se sente protegido e pode socializar. Paradoxalmente, em azul e rosa, encontram-se dois outros elementos representacionais que foram elaborados com igual força: a frustração e a limitação. Deste modo, para as explicadoras,

Figura 1: Núcleo figurativo



Fonte: a pesquisadora

Os resultados da pesquisa assinalaram que as explicadoras quilombolas não têm como referência identitária a escola, uma vez que as propostas escolares não prezam pela cultura e pelos saberes tradicionais quilombolas, deixando marcas negativas, relacionadas a preconceitos, que interferem na formação identitária dos estudantes quilombolas. Nenhuma das explicadoras apontou que o currículo escolar é adequado à valorização das tradições e da cultura quilombola. Cabe destacar que a Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003 (Brasil, 2003), estabeleceu a obrigatoriedade do ensino, no currículo nacional, da história da África, dos africanos e afrodescendentes. Porém, podemos questionar e problematizar a materialidade desta lei, que, de fato, é importante, mas que precisa sair do papel e do nível discursivo e se tornar parte da realidade socioeducativa do país.

O trabalho das explicadoras pode ser compreendido pela presença da hospitalidade, por ser uma atividade humana que necessita olhar para o estudante de forma diferenciada, na qual a explicadora se despele da sua condição exclusiva de quem ensina para assumir a condição de alguém que aprende, que coopera e que incentiva, transformando o seu terreiro em um ambiente de acolhimento, em que as práticas socioeducativas estão voltadas para o outro, adotando a alteridade e os laços sociais como a “essência do ato pedagógico”. Quanto ao laço social, Baptista (2009, p. 23) define-o como o “[...] desejo de viver em sociedade, de viver com e para o outro.” A autora assinala que, quando existe um acolhimento entre sujeitos, forjados pela alteridade, surge entre estes um laço social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as questões propostas na pesquisa, podemos destacar que as representações sociais sobre escola, partilhadas pelas explicadoras quilombolas, estão relacionadas à afetividade. Paradoxalmente, a escola representa um local de distanciamento físico e cultural,



de reprodução de preconceitos e de discriminação, de limitação e padronização do ensino, que não considera os saberes tradicionais, as especificidades da comunidade quilombola e a sua cultura.

Desse modo, podemos observar que as representações sociais sobre escola, partilhadas pelas explicadoras quilombolas, interferem em suas práticas educativas, pois elas buscam, no trabalho como explicadora, traduzir a linguagem da escola para os estudantes. Assim, as explicadoras procuram ensinar de um modo diferenciado do que é adotado nas escolas, considerando a cultura local e o ambiente do quilombo, tentando adaptar o ensino ministrado na escola à realidade sociocultural na qual estão inseridos os estudantes por elas atendidos.

Referências:

BAPTISTA, Isabel. **Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético**. Porto: Profedições, 2005.

BAPTISTA, Isabel. Educabilidade e laço social – ética e política da alteridade. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**. Cidade do Porto: Universidade Católica Portuguesa, p. 15-29, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/11636/1/11636.PDF>. Acesso em: 21 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, 2003.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador. **Revista de Ciências da Educação**. Americana - SP: UNISAL, nº 23, p. 341-368, 2º sem. 2010.

FERREIRA, Arthur Vianna. **Representações sociais e identidade profissional: elementos das práticas educacionais com os pobres**. Rio de Janeiro, RJ: Letra Capital, 2012.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Núcleo figurativo: themata ou metáforas? **Psicologia da Educação**. São Paulo, SP: PUC-SP, n. 14-15, p. 105-114, 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/31923>. Acesso em: 23 set. 2023.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Para uma “pedagogia das representações sociais”. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 11, p. 121-143, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/7522/47966312>. Acesso em: 28 set. 2023.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SÁ, Celso Pereira. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.